Spártacus

Ano I — Numero 20 | Endereço: Caixa postal 1936, Rio de Janeiro — Brazil | 13 de Dezembro de 1919

PEOR A EMENDA...

A expulsão violenta dos anarquistas europeus das duas Americas está produzindo frutos admiráveis.

Sempre temos compreendido, nós, anarquistas brasileiros, que o advento da anarquia no Brasil ha de ser a consequência imediata da sua instauração na Europa.

No dia em que se revoltar o proletariado italiano, espanhol, francês, alemão e inglês, não ha força capitalista que se oponha á instituição do comunismo aqui.

Então veremos quanto anarquista rubro surgirá nestas plagas do Cruzeiro! As adesões rebentarão como tiririca, tal qual, no quinze de novembro, irromperam os republicanos que hoje legisferam e são condes papais.

Sendo assim, nossa posição atual é de mera espectativa.

Temos certeza absoluta da transformação proxima. Isso o afirmam com o maior entusiasmo todos os jornais revolucionarios europeus e o testificam diariamente os fatos.

Logo, o nosso maior desejo é que se concentrem nos focos principais, Italia, França, Espanha, os melhores elementos, os cérebros guiadores, organizadores da derrota capitalista e da nova sociedade.

Antes da guerra, o capitalismo, por mão dos seus governos, havia expulso para a América ou para centros afastados esses campeões do comunismo anarquico. Finda a guerra, a desmoralização burguêsa é tal que a burguesia não tem mais forças para impedir a entrada desses homens nos seus paizes de nascimento, ao passo que da América a burguesia menos combalida, amedrontada e pouco previdente, os vai repatriando. Supõe, assim, conjurar nos paizes cisatlanticos o perigo da reforma.

Em vão. Com as expulsões estão mandando lenha para a fogueira secular armada em plena Europa.

Na Italia, por exemplo, acumulam-se elementos solidissimos para a Revolução final. Malatesta já se pôs em campo. Galleani, o formidável orador e jornalista, foi recebido triunfalmente, despachado da Norte América, depois de vinte e cinco anos de exílio. A êles se juntou, mandado de S. Paulo, o nosso conhecido Gigi Damiani, amigo intimo dos dois outros e organizador ardente.

Os nossos camaradas italianos não refreiam seus impulsos de entusiasmo com a chegada, ao meio agitadissimo, dêsses formidáveis e velhos lutadores.

Cobram ánimo, apressam-se, decidem-se os mais fracos, ativam-se os mais lerdos e temos a impressão de um frenesí tremendo, jamais visto, na multidão trabalhadora.

Ótima cousa, como vemos, e expulsão em massa. A América desfalcada de anarquistas é a Europa mais cheia de anarquistas. O poucochinho que lhes era dado fazer aqui avulta imensamente no muito, no demasiado que hão de fazer lá.

Sinal dêsse frenético repelão para a anarquia se nos afigura a fundação do diario anarquista «Umanitá Nova», em Milão.

Esse diario corresponde a uma necessidade inadiavel.

No ponto a que chegou o movimento revolucionario, com o extraordinário prestigio da corrente socialista em toda a Europa, impõe-se um veiculo diario de grande formato, que alente, propague, intensifique, sobretudo oriente as classes trabalhadoras no caminho rude da reconstrução.

Essa mesma necessidade sentimo-la nós aqui. A evolução das idéas anarquistas no Brasil tem sido rápida e avassalante. No meu artigo anterior assinalei a facilidade com que os intelectuais do Brasil, os não-cavadores já se vê, aceitam nosso ideal e simpatizam com a ação firme que mantemos.

O açodamento com que a burguesia brasileira, melhor, o ramo paulista-carioca da burguesia brasileira, ajudado do clero, arremeteu contra *A Plebe*, se assanhou contra *Spartacus* e ameaça, de lei Gordo em punho, o pensamento anarquico, prova quanto a imprensa comunista no Brasil fazia obra de merito.

Essa obra se agigantará com um orgão diario dos trabalhadores.

Pouco importa que a policia invista contra as oficinas, feche as redações, encarcere os redatores. Dia virá, como na Europa, hoje, em que não poderão mais agir assim. Bastar-nos-ia a coligação firme dos gráficos.

Vamos pois ao jornal, á resurreição d'*A Plebe* diaria, ou a elevação de *Spartacus* a vespertino diario como intencionávamos. Surja o jornal da Federação e assim secundaremos, do melhor modo, o esforço dos camaradas europeus. Si a burguesia nos trancar as portas e nos empastelar as oficinas, melhor, mais acentuaremos nossa fortaleza combativa e mais depressa mudaremos as idéas no Brasil.

José Oiticica

Bem unidos, façamos...

Noticiando uma das sessões do Grupo «Clarté», associação de intelectuaes a cuja frente se acham Anatole France, Henri Barbusse, Séverine, Steinlen... permenorizava o *Populaire*, em numero recentemente aqui chegado: «Paul Vaillant-Couturier, num improviso, que falou ao coração de todos os ouvintes, precisou, a proposito da Internacional, que ele, soldado francez, estenderia a mão a um saldado alemão, nunca porém ao general Mangin, e os antigos combatentes que assistiam á sessão testemunhavam, pelos seus aplausos, que não saberiam agir de outro modo».

Este pequeno facto é de uma tão grande eloquencia, que dispensa comentarios.

E cantemos:

Bem unidos, façamos,
Nesta luta final,
De uma Terra sem amos
A Internacional!

PARA A PROPAGANDA

De acôrdo com os seus editores, resolvemos ruduzir de metade o preço da excelente brochura de Edgard Leuenroth e Helio Negro — O QUE E' O MAXIMISMO OU BOLCHEVISMO, ESBOÇO DE UM PROGRAMA COMUNISTA.

E' um volume de 128 paginas, baratissimo pois por 500 réis, preço a vigorar desde já.

Oferecemos assim aos camaradas e grupos ótima oportunidade para uma propaganda eficaz com a divulgação dessa brochura.

Os pedidos do interior devem ser acompanhados da respectiva importancia.

A voz dos deportados...

A primeira carta de Gigi Damiani

Transcrevemos do *Combate*, de S. Paulo, a carta a seguir, a primeira de Gigi Damiani depois de expulso, e dirigida a um amigo de São Paulo:

«A historia da nossa deportação é muito simples. Presos na manhã do dia 22, seguimos á noite para o Rio, da estação do Norte, bem fechados num *carro especial* e guardados á vista por soldados de armas embaladas. O nosso desembarque deu-se em Cascadura, onde tres «viuvas alegres» e uns trinta soldados nos levaram para a Detenção. Nesta nos trancafiaram numa solitaria. No Rio, porém, felizmente! ha o costume de se dar comida aos presos.

Sahimos da Detenção ás duas horas da tarde, indo direitinhos para o caes da praça Mauá, embarcando numa lancha á gazolina que nos levou alto mar, á espera do «Mafalda», que ainda não se encontrava atracado.

Uma vez dentro da lancha um sujeito, que disse ser o secretario do consul italiano, com uma tira de papel e um lapis na mão, nos pedia si haviamos a reclamar ou tomar alguma deliberação sobre as nossas familias. Mandei o ás favas. Um secreta nos ofereceu tambem dinheiro *que recusamos*, apezar de estarmos com os bolsos vasios. Além do expulsão, o escarneo de uma esmola!

No tempo que estivemos presos em S. Paulo, afora o Zanella, não fomos interrogados. As unicas autoridades com as quaes tivemos contacto foram os secretas. Não nos foi permitido tambem despedirmo nos das nossas familias. O Zanella deixou 4 filhos brazileiros.

Não protesto contra a expulsão, mas contra a maneira como foi executada; além de arbitraria e abusiva, a quizeram clandestina. Intencionando, antes ou depois, voltar num paiz onde continuo ainda como proprietario de terras, confio no trabalho do Evaristo para que seja revogado o estupido decreto.

Logo que estiver na Italia procurarei que algum deputado amigo trate na Camara desse caso das expulsões, não poupando as autoridades consulares pela manifesta cumplicidade e subserviencia, das quaes deram provas. Enviarei tambem uma pormenorizada relação ao Comissariado da Emigração e em todos os jornaes operarios ou não que m'o permitirem escreverei sobre as regalias que assistem aos operarios estrangeiros imigrados no Brazil. Naturalmente, dando a Cezar o que é de Cezar, evitarei confusões deploraveis. O responsavel não é o povo brazileiro.

Queira mandar-me quanto antes um exemplar do livro do Subiroff. Agradecerei a oferta, enviando outras publicações.

O meu endereço em Roma é o de minha irmã:

Francesca Franceschini
via Monte Savello, 6.

Pode comunical-o tambem aos meus amigos.

Desejando para o Brazil dias melhores com um povo menos carneiro, si bem que eleitor, aperto a mão de vocês atravez do oceano. Gozando desses dias de tranquilidade beatificante, antes de penetrar na grande fornalha maximalista, mato as saudades, preparando o espirito e o corpo ás novas lutas.

Um fraternal abraço do amigo:

Gigi Damiani».

Em defeza da Revolução

Unem-se todas as fracções do socialismo russo

— —

Em reunião celebrada em Moscou pelos membros mais conhecidos do partido socialista revolucionario da direita, residentes na capital vermelha, e por numerosos delegados de provincia ao novo Conselho do Partido, decidiu-se endereçar um apelo aos aderentes do Partido Socialista Revolucionario. O apelo, firmado por Volski, ex-presidente do Congresso dos Membros da Constituinte, Rakitnikof, Burevoi, Sviatzki e outros, foi reproduzido pela *Isvestia*.

«A revolução de outubro fez perder ao nosso Partido a sua posição avançada, lançando-o para a direita. Desde então estão os bolchevistas á testa do movimento revolucionario, tendo conduzido a Revolução pelo caminho da realização do programa revolucionario. A hostilidade contra a sua tactica, assim como — digamol-o sinceramente — um falso amor proprio de partido, levaram o nosso Partido, na sua luta contra os bolchevistas, infinitamente mais longe que o consentiam os principios fundamentaes do nosso programa e da nossa tactica. Ha muito tempo, provam-n'o claramente os factos, que nós tomámos uma posição errada».

Os signatarios admitem que os escritos e declarações dos representantes do Partido no estrangeiro parece emanarem de contra-revolucionarios, até aos proprios socialistas ocidentaes. Afirmam que o seu ideal é a revolução social na Russia e em todo o mundo.

Condenam severamente a conducta incerta da Junta Central e do novo Conselho do Partido e reconhecem que só os bolchevistas souberam manter as conquistas fundamentaes da Revolução: supressão do despotismo, da propriedade privada terreal, de todas as antigas fórmas de exploração das massas trabalhadoras, em suma, do jugo economico da burguezia.

Estas conquistas, continúa o apelo que estamos resumindo, devem ser conservadas a todo o custo, e a luta contra a reação burgueza mundial exige um acôrdo de todos os partidos socialistas sobre a base da representação popular sovietista.

Os autores do apelo terminam convidando a uma luta activa contra a reação todos os seus camaradas e simpatizantes que se acham no exercito vermelho e incitando os que estão alistados nos exercitos brancos de Koltchak e Denikine a voltarem as armas contra os usurpadores reacionarios.

Os ataques da burguezia mundial contra a revolução produzem este efeito: a união cada vez mais estreita entre os socialistas de todos os matizes, desde o moderado até ao anarquista. E de nada valem as calunias e intrigas burguezas.

... nenhum melhoramento material se produz no mundo que não seja pela industria e pela ciencia, o que reduz o papel da politica e dos politicos ao seu verdadeiro valor, zero, quando não é a menos zero. — HENRI MAZEL.

Em torno das dictaduras

Varios são, entre nós, os conceitos emitidos sobre a dictadura proletaria, como tambem variam as interpretações dadas á questão. Mas ao que todos chegam é a uma classificação que a meu ver é absolutamente inocua e que deixa presupôr coisa diversa do que realmente ela é.

A burguezia chama de dictadura simplesmente ao facto de não existir na Russia uma assembléa constituinte nos moldes do sufragio, isto é, apresenta-a, aproveitando-se da ironia dos factos, pelo lado que ela não tem significação alguma e disto faz os seus argumentos tendentes a demonstrar o fundo anti-democratico de revolução. E' por isso que eu sempre tive relutancia em aceitar a classificação de "mal transitorio" que entre nós se tem dado á dictadura e á de medida "aceitavel transitoriamente" como para definir a nossa atitude perante a revolução russa, porque, entendo eu, isto é reconhecer um mal que não existe e assim, implicitamente, dá-se razão á tese burgueza.

Ora, das duas uma: ou a dictadura é muito socialista (e eu entendo que sim, como procuro demonstrar) e nesse caso pomo-nos inteiramente ao seu lado, ou é anti-socialista e então temos que a atacar desde já, pois que neste ultimo caso todos os meios termos aquivalem a zero.

—

Como entendo que o principal factor da revolução social é o desenvolvimento industrial que na medida do seu progresso determina a solidariedade e o espirito colectivista do homem em sociedade e assim o seu progresso se incompatibiliza com o espirito individualista e anti-democratico da organização capitalista, o que faz com que a revolução seja fatal, sou obrigado a aceitar como principio que, dado o progresso já avançado da industria que necessita alimentar-se de uma multiplicidade de materias primas, nenhum paiz na revolução se basta. Convindo nisto, temos que achar natural que o paiz onde a revolução irrompeu e ainda nos paizes que a venham a secundar, a revolução tenha que crear periodos estacionarios, que não querem dizer meios termos, dada a impossibilidade de completar-se a socialisação das industrias e que a bem da revolução não podem ficar paradas. E não podendo ficar paradas, o seu funcionamento depende de acordos com o capitalismo dominante no exterior, o que obriga a fazer concessões ao capitalismo dominado, mas não vencido ainda, do interior. Nesta situação ainda subsiste a luta de classes e portanto o predominio de uma delas e é a este privilegio de classe que deve se chamar de dictadura. Assim a dictadura não é instituida pelos revolucionarios, porquanto ela sempre existiu. Somente mudou de nome: até então, como a classe dominante era a burgueza, chamava-se dictadura burgueza; agora que a classe que domina é a proletaria, chama-se dictadura proletaria. Mas aqui convem esmiuçar, para melhor esclarecer.

Na democracia burgueza só existe dictadura, na verdadeira acepção do termo, quando deixa de funcionar o chamado poder legislativo e ficam suspensas as garantias constitucionaes, porque, dada a burla do sufragio, a dictadura burgueza como privilegio de classe não é tão flagrante, mesmo ainda porque, tambem, a burguezia, como classe dictatorial, não se propõe eliminar a classe proletaria, antes pelo contrario, esforça-se pela sua conservação. Logo, quando não ha dictadura, no sentido usual do termo, ha, quanto muito, a democracia de uma classe, mas a dictadura existe sempre para a outra, a proletaria, que não está incorporada no sistema, muito embora o sufragio possa afigurar o contrario. Assim a dictadura burgueza nos salta hoje mais á vista, porque aparece como parafrase da dictadura proletaria.

Ora, como cada uma das dictaduras existe em circumstancias diversas, os seus fins e seus efeitos diversos são. A democracia burgueza é a conservação das classes: dictadura é moto-continuo. A democracia proletaria é a supressão das classes: a dictadura tem um fim e só existe acidentalmente, como consequencia logica, muito socialista, da luta pela supressão das classes. Receios das consequencias da dictadura? Absolutamente nenhum. As suas consequencias constituem a aspiração suprema do Ideal — o desaparecimento de todas as fórmas de dictadura.

Vendo que a dictadura proletaria é uma genuina consequencia da luta de classes, eu, como anarquista, escola socialista que sempre se mostrou irreductivel como partidaria dessa luta, concluo, sem receio de metafora, que a dictadura tem mais de anarquista do que de marxista. E como tal, quando interrogado sobre a minha atitude para com ela, direi: não tenho atitudes a tomar. A nós, que não queremos o socialismo pela colaboração de classes, a ação leva-nos forçosamente á dictadura sem outra perspectiva.

O que eu lamento, na revolução russa, é a centralização cujo uso pode tornar-se abuso. Mas esta absolutamente nada tem que vêr com a dictadura, porque é uma medida excepcional da revolução, ao passo que a dictadura é medida normal da revolução. (Entenda-se bem medida normal da revolução e não do socialismo). A centralização é medida a opôr ao bloqueio, á reação burgueza interna e externa. A dictadura é medida a opôr, no periodo estacionario da revolução, á burguezia que está de *acôrdo*, que vive em paz com o novo estado de coisas. A centralização pode desaparecer (suponhamos isto) com o levantamento do bloqueio, ou melhor, com a paz que os bolchevistas oferecem aos aliados. A dictadura, o seu desaparecimento depende do alastramento da revolução pelo universo.

Eis o que me ocorre dizer sobre esta momentosa questão.

Mas sobre o problema social não haverá muito ainda o que dizer?

Isidoro Augusto

A guerra é sempre igual a si mesma; ela é tambem a mais formidavel negação das idéas de progresso. — R. DE BURY.

Um paralelo

Este é o estribilho da imprensa burgueza: o bolchevismo é a barbaria. Entretanto, sob o regimen dos soviets, é absolutamente interdicta a venda de bebidas alcoolicas.

Koltchak é o redentor, que leva a civilização para os lugares que caem sob o seu dominio. Assim é que ele, segundo recenseamento dos Soviets da Siberia, restabeleceu o monopolio da vodka (aguardente russa) afim de angariar recursos, em detrimento embora da saude do povo.

Em agosto de 1918, na Siberia, a venda da vodka se elevou a 1.023.585 rublos; em setembro, a 2.662.884 rublos; em outubro, a 7.615.545 rublos; em novembro, a...... 9.630.035 rublos; em dezembro, a cerca de 24.000.000 de rublos!

Os ladrões de luvas e a ladroeira das luvas

ONDE ISSO VAI PARAR...

Cresce dia a dia a grita popular contra o insolente aumento dos alugueis de casa. Comodos de «cabeça de porco», casas de «avenida», pocilgas de estalagens... estão pela hora da morte, subindo de preço no mesmo delirio com que sobe de preço a carne, o feijão, os sapatos, e o resto. Os jornaes berram, fazem reportagens sensacionaes, estampam estatisticas alucinantes — e o burguez, afagando porcinamente o ventre bojudo, ordena aos prepostos novos e mais altos aumentos... Mas onde vai isso parar, deuses de misericordia? — exclamam os desgraçados que não podem deixar de morar.

Eu bem sei onde isso vai e deve parar...

×

Neste caso do aumento de alugueis de casa ha um aspecto curiosissimo, que tem talvez escapado ao exame do proletariado, pois que lhe não afecta directamente. Quero referir-me ao aumento de alugueis e luvas dos palacios comerciaes do centro da cidade. E' escandaloso e fabuloso.

São tipicos os exemplos dos edificios onde funciona a Farmacia Orlando Rangel e onde vai funcionar a camisaria *La Capitale*, ambos na Avenida. Na renovação do contracto, os respectivos proprietarios exigiram, para cada, luvas no valor de 300:000$000. Trezentos contos de réis! Luvas... isso é uma nitida e categorica ladroeira. Não ha no mundo moral de mediana decencia que justifique essa coisa de luvas.

A casa onde vai instalar-se *La Capitale* é a mesma em cujo andar terreo estava o café Jeremias, na Avenida, esquina da rua de S. José, lado do Hotel Avenida. O aluguel de todo o predio foi elevado para........... 6:000$000 mensaes e as luvas de 300 contos foram exigidas pelo contracto de 11 anos. Quer dizer que nesses 11 anos os inquilinos do referido predio vão passar para a burra do respectivo proprietario a linda soma de 1.092:000$000 (792 contos de aluguel mais de 300 de luvas). Ora, esse milhar e tanto de contos terá que sahir dos lucros — pequena parte dos lucros — da camisaria. O lucro normal em si já representa um roubo sobre o consumidor. Dobrado assim para sustentar o sorvedouro das luvas e dos alugueis, é roubo mais que dobrado — decuplicado e centuplicado.

E quem são os roubados, no fim de contas? São os operarios. Os operarios que construiram o predio; os operarios que fabricam os artigos vendidos pelo negociante; os operarios de cujo trabalho vivem, directa ou indirectamente, os burguezes ricaços, almofadinhas e encantadores, freguezes da casa.

×

Outro caso eloquente, é o dos escritorios do edificio da Avenida, esquina da rua Sete, onde funciona o Odeon. Falem os algarismos...

Os andares superiores desse grande edificio estão divididos e sub-divididos em dezenas de escritorios de comerciantes, advogados, dentistas, alfaiates, modistas, etc., etc. Ha dias, conta a *Noticia*, os inquilinos receberam uma circular comunicando o aumento de todos os alugueis a começar de janeiro proximo. Alguns exemplos: sala que pagava mensalmente........ 125$000 passará a pagar......... 300$000; sala de 350$000 passará a 1:800$000; sala de......... 100$000 passará a 250$000; sala de 182$000 passará a 500$000; sala de 60$000 passará a......... 200$000; sala de 350$000 passará a 2:000$000 e assim por diante, nessa mesma delirante proporção.

Diante destes senhores proprietarios, como parecem suaves e benignos os salteadores da antiga Calabria!

×

Eis como os fantasticos aumentos nos alugueis e nas luvas dos palacios no fim de contass vêm afectar a já exgotada bolsa do pobre.

Assim está constituida a sociedade plutocratica em que vivemos: todas as legalissimas operações dos ladrões de luvas são feitas sobre o lombo do trabalhador explorado e miseravel.

Mas onde vai isso parar?

Ora, é evidente: no bolchevismo!

Geca Vermelho

Mais um ano...

A função legislativa deste ano vai terminando — escusado é dizer que do mesmo modo invariavel de todos os anos: atropeladamente, no amanho apressado, mas constitucional, da mixordia orçamentaria... Iniciada a sessão normalmente, em maio, passam os quatro mezes normaes de reunião do Congresso vasios e estereis, ocupados em batebocas inocuos, no intrigalhar da politicalha piolhenta ou na discussão imbecil de tremendos problemas insolvaveis. Um ou outro projecto vem a plenario, para logo recolher-se á grave, sabia e ponderada infecundidade das comissões, e dahi para o arquivo das coisas inuteis e inexequiveis. Prorogam-se as reuniões por mais dois mezes, que seguem na mesma trilha dos quatro precedentes. Terminados os dois mezes suplementares de parolagem e preguiçaria — o expediente se repete, com a maior candura: mais dois mezes de prorogação, novembro e dezembro. Novembro escoa-se quasi todo com o distender dos musculos emperradas na indolencia, e ensaiam-se então as primeiras actividades orçamentarias. Chega dezembro. Os dias passam... e os orçamentos hão de terminar-se até o 31. E Senado e Camara entregam-se, finalmente, á tarefa exhaustiva e febricitante. As comissões se reunem unanimes, os relatores compõem pareceres, e emendas e subemendas, retalhos e recortes se derramam sobre cada orçamento, formando a cauda classica dos arranjos, compadrios e negociatas de ultima hora. Na derradeira semana do mez desdobram-se as sessões em diurnas e nocturnas. A' meia noite de 31 está tudo acabado, e os senhores congressistas, com a consoladora satisfação do dever cumprido, entregam ás mãos do executivo o orçamento geral da Republica, com o deficit ainda aumentado de algumas dezenas de milhares de contos... Depois, aprontam as malas, vão para a provincia, para a fazenda, para a montanha, ou para a praia...

Os problemas nacionaes ficaram na mesma situação, quando não se agravaram. A carestia, a sêca do nordeste, as doenças ruraes e as epidemias urbanas, o analfabetismo, a carencia de transportes, a crise de habitação... e mil outras questões de interesse concreto e de augustiante pressão na vida do povo — tudo isso continúa entregue aos designios da famosa providencia divina, solicita e paciente protectora do Brazil.

Ha trinta anos que essa democratissima farça se repete, trinta vezes seguidas, e cada vez mais desabusada e petulante. Desecadeou-se a guerra no mundo, abalando os fundamentos da sociedade, provocando falencias e revoluções, e o Congresso brazileiro não deu por isso.

Sintoma decisivo e concludente de dissolução deste regimen, que tem no parlamento a expressão maxima da soberania nacional...

Aurelio Corvino

O grande monumento legislativo edificado pela classe possuidora foi feito para manter o sistema de propriedade e o statu quo *presente.* — CARPENTER.

Spártacus

E's um labaro e um simbolo! Maldito
da descendencia dos escravocratas,
encarnas a Revólta e o odio desatas,
contra o Senhor alçando o busto invicto.

Colosso de alma e corpo, ainda arrebatas
e o apelo retumbante do teu grito
percorre, ecoando n'alma do precito,
oficinas, prisões e casamatas.

Nuncia da Liberdade, eternamente
rugirá tua cólera fremente,
dando impulso ao teu braço, em convulsões.

Morto, resurgirás dos teus escombros
e pompearás os teus herculeos hombros
emquanto houver infamias e opressões!

Sylvio Figueiredo

(Revólta)

Os deportados do "Benevente"

ao povo brazileiro

Só agora nos chega ás mãos o manifesto escrito a bordo do «Benevente», a 31 de outubro, por cinco dos camaradas que naquele navio seguiram deportados. Apressamo-nos em publical-o:

Arrancados brutalmente de nossos lares, nós que somos trabalhadores honrados, fomos atirados a bordo de um navio e deportados para paizes distantes como elementos perigosos para a ordem publica...

Perigosos, sim!

Mas não perigosos para o povo sofredor; o povo sabe de ante-mão, qual é o ideal que defendemos. Perigosos, sim, para a ordem social burgueza, porque combatemos os seus crimes.

Perigosos, porque queremos extinguir a infame exploração do homem pelo homem; porque não queremos que existam lares na abastança e lares onde imperam a miseria e a fome. Perigosos, porque não queremos que o povo morra á mingua, emquanto os abastados, tudo açambarcando e nada produzindo, passeiam pelas avenidas, vestindo suas esposas e filhas com sêdas e rendados, quando as filhas e esposas dos productores vestem farrapos que mal lhes cobrem o corpo. Perigosos e estrangeiros porque protestamos contra os exploradores estrangeiros que roubam e extorquem os trabalhadores brazileiros e estrangeiros, defendidos pelos escravos da caserna, os soldados brazileiros.

Mas porventura serão perigosos para o povo homens que têm um ideal nobre, que combatem a sociedade burgueza, porque é de crimes e roubos que ela se mantem?

Não!

Nós somos perigosos para os potentados, porque queremos pôr fim ás suas infamias, porque queremos que os productores, trabalhadores de sol a sol, não continuem a ser explorados por aqueles que nada fazem de util, porque queremos substituir este regimen nefasto por um outro de perfeita igualdade entre os homens. Porque queremos que as fabricas e oficinas sejam entregues aos seus verdadeiros donos — os trabalhadores.

Perigosos somos porque não queremos que uns habitem palacios luxuosos e outros durmam ao relento, ou habitem pocilgas anti-higienicas.

Perigosos porque não queremos que o soldado passe miseria nas casernas, escravizado a uma brutal disciplina, sem ganhar o suficiente para a manutenção dos seus. Porque não queremos que o soldado monte guarda aos capitalistas, que nos exploram e dos quaes tambem é victima o soldado.

Que o povo brazileiro pense bem no que aqui dizemos, fazendo o paralelo entre os exploradores e os que os combatem, e veja onde estão os verdadeiros perigosos.

E que lute com ardor pela extincção desta infame sociedade.

A revolução se estende pelo mundo e nada a deterá. As violencias de que somos victimas reflectem a justiça da nossa causa e o terror da burguezia.

Partimos felizes, a consciencia livre, a alma ainda mais revoltada contra os tiranos e a convicção profunda de que o povo brazileiro saberá tambem levar de vencida os miseraveis que a todos nos exploram.

Viva o povo livre sobre a terra livre!

Bordo do Benevente, 31 de outubro de 1919.

Manoel Peres — Adolfo Alonso — Rafael Lopes — Francisco Ferreira — José Cid.

Brilhaturas do nosso delegado

O ilustre doutor Acacio Fausto Ferraz está fazendo brilhanturas na America... segundo o testemunho da Agencia Americana. Já foi a Mont Vernon visitar os ossos de Washington, deixando ali uma corôa de bronze. Já foi recebido no Senado e na Camara federaes, com geral espanto dos congresistas norte-americanos, que muito elogiaram os operarios brazileiros — gente fina, pergaminhada e bacharelenta, a julgar pelo seu delegado. Quanto ás sessões da memorabilissima Conferencia Trabalhista, parece que o doutor Fausto Acacio chegou a tempo apenas de assistir á ultima delas. Mas fez logo um figurão tremendo, protestando, em nome dos trabalhadores, contro certa moção do Sr. Carlos Sampaio, seu companheiro de delegação, mas representante dos Capitalistas... Alé nós nos comovemos, e tivemos vontade de gritar: ô batuta!...

Encerrada a Conferencia, o doutor Acacio Ferraz mandou dizer, pela Americana, que vai fazer uma larga visita, em toda a America... — aos centros obreiros? não! não! — ás universidades, para mostrar aos estudantes burguezes da Norte America que no Brazil até os operarios são tambem doutores...

E depois voltará ao Brazil, contente da vida, portador de um lindo e historico presente aos operarios brazileiros: a bandeira brazileira que assignalava a bancada da nossa delegação na Conferencia. Diz o telegrama da Americana que o presente se destina á ... Confederação Operaria do Rio de Janeiro.

Apenas essa Confederação não existe e eu não sei como se ha de arranjar o doutor Acacio para fazer entrega do auri-verde presente...

Mas... eureka! uma idéa, doutor Acacio Fausto Ferraz: entregue-a ao comendador portuguez José Luiz de Mattos, furibundo patriota e trabalhista brazileiro, maximaluco da *Razão*, esse prodigioso jornal capitalista orgão das classes operarias!

Maximo X.

As tres longas guerras de Luiz XIV e de Napoleão I causaram tanto sinão maior mal á França victoriosa do que aos povos vencidos e devastados pelos exercitos francezes. — **J.-L. DE LANESSAN.**

"Apontamentos de um burguez"

por Salomão

—

Acaba de publicar-se esta brochura de propaganda, interessantissima.

São pequenas anotações varias, reflexões e sentenças avulsas, em fórma simples, incisiva e não raro causticante.

O autor abre a brochura com — «APELO AO HOMEM: sê limpo de coração; lê estas paginas até ao fim, meditando, porque quem fala aqui é a alma sincera de um pequeno burguez».

Vende-se nesta redação, a 400 réis o exemplar.

A ESTÉTICA DE TCHERNICHEVSKI

Não se saberia pronunciar sem estremecer o nome odiado da guerra. E entretanto "este mal espalhado sobre a terra" serve para provar a bancarrota da rotina. A éra nova é desejada ardentemente por todos os que estão cansados de sofrer o velho erro agarrando-se á joven verdade. Espiritos precursores a anunciaram altivamente, afrontando todos os perigos, certos de beberem na propria fonte da vida.

Tal foi em primeiro lugar Tolstoi, clamando pelo mundo a palavra sempre nova do Cristo: «Deus não está na força mas na verdade». Seu genio penetrante fez, no homem, avilitado pela brutalidade secular dos senhores, vir á tona a santa revolta da conciencia que faz estrebuchar a força sobre a qual se baseiam o bezerro de ouro e todos os governantes. Ele repudiava o velho uso da armas e queria que uma nova verdade triunfasse por um meio novo.

Emquanto o grande filosofo revelava o poder do pensamento, da longinqua Siberia uma voz resoava, atravessando o espaço e enchendo a ampla atmosfera moscovita com palavras profeticas.

Tchernichevski, lançado em vão pelo czar na mais terrivel das prisões, não perdia sua fé socialista. Escrevia: "O velho mundo vacila, e o povo russo é quem terá de colocar a primeira pedra do novo edificio".

Projectou em sua epoca claridades em todos os sentidos. Foi na Russia o iniciador do socialismo e da emancipação feminina, e um inovador na teoria da arte.

Inaugurou sua carreira de escritor por uma tese que fez um grande ruido. Entretanto, não tratava mais que da "Estetica, suas relações com a arte e a realidade". Foi muito notada. Suscitou grandes entusiasmos e fez escola. Mas atiçou os conservadores e inquietou o ministerio da instrução publica.

O escritor Schelgennov descreveu o aspecto da sala onde essa tese foi apresentada:

"A saleta estava cheia. Muitos estudantes e um publico numeroso de oficiaes e civis, uns sobre os outros, havendo ouvintes até nas bordas das janelas. Tchernichevski defendia a tese com a sua modestia habitual, mas com a firmeza de suas convicções. Quando a discussão terminou, Pletneff, o presidente do juri, dirigiu-se a Tchernichevski: "Parece que no meu curso nunca ensinei uma cousa semelhante".

Com efeito, o que este ensinava não teria certamente provocado esse entusiasmo. A dissertação de Tchernichevski botava abaixo toda a rotina. Ahi tudo era novo e seductor, as idéas, os argumentos, a simplicidade e a clareza da exposição. Foi o sentimento do auditorio. No entanto, a Faculdade não lhe dirigiu as felicitações de praxe e julgou dever submeter sua tese a exame do ministro da instrução publica que a recusou.

Esta tese foi inspirada pelo pensador revolucionario alemão Feuerbach, o autor da filosofia do humanismo, que foi a verdadeira fonte das doutrinas socialistas onde Karl Marx, Engels e Tchernichevski beberam. Esta filosofia examina o universo atravez do homem, e o homem atravez do universo. Ela considera o homem como a mais alta creação da vida organica submetida ás mesmas leis naturaes que regem todos os corpos. Para ela, os fenomenos fisicos e psiquinicos têm a mesma origem e são as diversas manifestações da materia. E' designada por Tchernichevski sob o nome de "principio antropologico" e ele o aplica com uma grande ousadia á sua estetica.

O belo, é a vida e tudo quanto se desenvolve. O feio, é a morte e tudo quanto declina. O idéal da arte e seu modelo unico, é a natureza. A imaginação e a fantasia estão sempre abaixo da realidade, que elas devem seguir como mãe nutriz, porque entregues a si mesmas morrem de inanição. So se deve pintar ou descrever aquilo que se viu ou sentiu.

O dominio da arte, é toda a natureza e toda a vida, e não unicamente o belo, como a estetica idealista ensinava.

A arte, segundo Tchernichevski, tem tres fins:

O primeiro é «a reproducção da realidade». "Faz-se a gravura de um quadro, não porque o quadro é defeituoso, mas porque é belo: do mesmo modo a realidade é reproduzida pela arte não para ocultar suas faltas, não porque não é suficientemente bela, mas por causa de sua beleza. A gravura não é melhor que o quadro, é mesmo menos artistica do que ele, e a obra de arte não atinge nunca a beleza e a grandeza da realidade. O quadro, só os visitantes do museu podem admiral-o, ao passo que a gravura se espalha aos milhares de exemplares pelo mundo inteiro, está ao alcance de todos, cada um póde admiral-a quando lhe agradar, sem deixar seu quarto, sem levantar-se da cama: do mesmo modo a realidade bela nem sempre é accessivel a cada um, o que não sucede quando é reproduzida pela arte, mesmo palidamente ou de um modo grosseiro".

O segundo fim da arte é «a explicação da vida», da qual tira as fórmas que nos interessam mais que as dissertações aridas. "Os romances de Cooper nos revelam melhor os costumes dos selvagens do que as narrações etnograficas".

O terceiro fim da arte, ao qual Tchernichevski se ligava mais particularmente, era «a apreciação da realidade».

"O poeta ou o artista, não cessando de ser homem não poderia, mesmo si o quizesse, renunciar a exprimir sua opinião sobre o que ele representa. Esta opinião se manifesta em sua obra; eis um novo significado da arte que a classifica na actividade moral do homem".

Este desejo de servir ao bem da humanidade não diminue a arte segundo Tchernichevski. E', pelo contrario, este titulo de gloria que a coloca no primeiro lugar das actividades humanas e que lhe dá direito á estima de todos os homens.

Tchernichevski explica muito engenhosamente a razão de ser da arte pela arte no passado quando se tratava de defender a liberdade do artista e do escritor, que os senhores tratavam camo creados. Mas "a arte conquistou sua independencia e deve pensar agora em poder servir-se dela... Em nossa epoca a idéa da arte pela arte é tão barôca quanto a da riqueza pela riqueza". Tchernichevski a atacava porque sob essa fórmula estetica da "arte pela arte" ocultava-se toda a politica reacionaria dos partidarios da escravidão que protestavam contra a entrada, na literatura, do mujik oprimido pelo senhor. "A arte pela arte" pedia ao escritor que fosse surdo aos sofrimentos do povo e lhe impunha o silencio sobre o martirio dos servos.

Tchernichevski comprehendeu ha 30 anos a importancia da ação artistica sobre o progresso. Seus adversarios o acusavam de exaltar uma arte utilitaria e de falta de sentido literario. Nada mais falso. Os artigos criticos de Tchernichevski fazem autoridade ainda agora e suas apreciações do periodo Gogol e de Puchkine são modelos do genero. Ahi exprime, é verdade, sua preferencia pelo fundo que ele achava, como Puchkine, muito mais importante do que a fórma, dizendo tambem que se deve respeitar antes de tudo "as condições artisticas de uma obra". Ele não exige que o escritor seja tendencioso, pede que seja verdadeiro e humano. Precisa mesmo seu pensamento dizendo que existem idéas poeticas incompativeis com o problema social. Mas, ao lado disto, afirma que a literatura, queira ou não, reflecte sempre tal ou tal movimento de idéas, e mostra a má fé dos partidarios "da arte pela arte" que, sob a capa desta teoria, perseguiam os escritores de um outro campo politico e queriam impôr á literatura suas tendencias anti-sociaes.

Em nossos dias, ao sair do pesadelo sangrento, Romain Rolland e Henri Barbusse acompanham Tolstoi e Tchernichevski e rehabilitam o pensamento humano. Fulguram como centros luminosos que evitam aos espiritos a vertigem do abismo.

Vera Starkoff.

Nós não combatemos os ricos por serem ricos: combatemos, neles, os monopolizadores da riqueza. Esta é fructo do esforço colectivo: queremos, pois, que ela seja uma compensação colectiva desse esforço. — **DEMOFILO.**

Divulgai «Spártacus»!

O problema rural no Brazil

A opinião de um pequeno jornal da provincia

Encontramos, não ha muito, num pequeno semario da provincia, «O Reformador», de Divinopolis (Minas), uma interessante serie de artigos sobre o problema das terras no Brazil, dos quaes trasladamos, «data venia», o seguinte trecho:

... Uma coisa que tem entravado enormemente o progresso financeiro colectivo e individual em nosso paiz é o monopolio das vastas extensões territoriaes por meia duzia de felizardos ricaços, em detrimento da imensa maioria proletaria que produz.

Os grandes proprietarios de fazendas são, em sua quasi totalidade, indolentes; nada produzem e vivem de explorar, de sugar, em troca de salarios miseraveis, o honrado suor de bravos jornaleiros. E de tal fórma torpe praticam essa usurpação, acobertados pelo criminoso indiferentismo dos governos, que os nossos camponios não podem ter gosto, não têm nenhum incentivo para trabalho.

Vêm os productores as searas virentes rebentarem em flores promissoras e as flores se transformarem em fructos-galardão legitimo de quem trabalha — e baixam a cabeça, pensativos e desanimados, porque tudo aquilo... pertence ao patrão, ao patrão bandido que nada fez!

De sorte que emquanto a seara é um campo coberto de vegetaes sem valor, fica entregue aos desvelados carinhos do camponez; quando estes vegetaes nos oferecem as louras espigas de fructos sazonados, vem o fazendeiro colher o que, de direito, devia pertencer ao camponio rustico!

Dir-nos-ão os fazendeiros e demais socios concomitantes da grande firma burgueza que se arroga a propriedade de tudo — homens e coisas — que assim procedem porque compraram as terras. Muito bem! Compraram as terras com que?

Com o dinheiro. De onde lhes vem esse maldiio dinheiro?

Do braço proletario.

Compraram as terras!... De quem as compraram? Dos antigos possuidores.

E esses antigos possuidores, de quem as houveram?

Si tirassemos uma devassa e desvendassemos, de seculo em seculo, todos os lances nojentos desse drama repugnante, todas as perfidias dolorosas dessa tragedia imensa em que os lobos devoraram os cordeiros, qual teria sido o primeiro bandido e ladrão que vendêra uma coisa que não lhe pertencia?

Poderemos crer que Deus, quando fez a terra, a deu de presente aos mais fortes, com prejuizo dos mais fracos?

Para os que não crêm em Deus: a Natureza teria procedido assim, nas epocas remotas da infancia do planeta, quando tudo desabrochava para a alegria imensa de uma vida feliz?

Não! Portanto a terra é nossa, é de todos nós! O campo é do camponio, e esse vergonhoso estado de coisas, creado pela nossa pessima organização social, em que os fortes monopolizam tudo: até o direito á Vida, precisa desaparecer, como, felizmente, já vai acontecendo na Russia, na Austria e até na Italia, onde os camponezes dos arredores de Roma se tornaram proprietarios de pequenos centros agricolas...

Federação dos Trabalhadores do Rio de Janeiro

Circular dirigida aos sindicatos operarios do Brazil

Rio de Janeiro, 1 de Dezembro de 1919.

Saudações.

A Comissão organizadora do Congresso Operario comunica-vos que a Federação dos Trabalhadores do Rio de Janeiro, sobre cujos auspicios correm os trabalhos do Congresso, resolveu adial-o para o dia 23 do mez de Abril de 1920.

Esta deliberação foi tomada não só porque a data então fixada não facultava o espaço de tempo necessario á vinda dos delegados a esta Capital, como tambem porque da situação anomala creada pelos ultimos acontecimentos fizeram-se algumas considerações que devem ser tomadas em conta para que o Congresso possa revestir-se do maximo interesse á organização sindical do Brazil. Assim é que a Comissão organizadora chama a atenção dos sindicatos para que dediquem especial cuidado no estudo da tese ORGANIZAÇAO, com a qual se prende a reorganização da C. O. B. do Brazil, trabalho este que, pela sua transcendencia, constitue o lado mais apreciavel do Congresso. E nós, a quem a F. dos T. do R. J. nos incumbiu dos trabalhos para a sua realização, entendemos que, si o Congresso não fôr trabalhado partindo do principio de que ACIMA DE TUDO ESTÁ A UNIFICAÇAO DOS TRABALHADORES DO BRAZIL, os seus efeitos serão efemeros e jamais a organização sindical deixará de ser o que sempre tem sido até hoje: — pequenos grupos de productores disseminados aqui e ali, sem cohesão, sem finalidades nem uniformidade de vistas, raquiticos, a arrastarem-se num deploravel desperdicio de energias. E o nosso desejo, como, de certo, é o desejo de todos os trabalhadores, é que esta magna assembléa venha marcar alguma coisa de novo no movimento operario do Brazil.

Saude e solidariedade.

A COMISSÃO

P. S. — Toda a Correspondencia deve ser dirigida a Antonio Vaz — Rua Acre, 19—Rio.

NOTA — A publicação desta circular vale como convite aos sindicatos que porventura não a tenham recebido.

As "Poesias" de Carlos Magalhães

Tambem eu faço questão de elogiar o grandessissimo poeta Carlos Magalhães, autor do livro fenomenal das *Poesias*...

A critica, profissional ou esporadica, tem sido unanime nos louvores e nas palmas ao volume encantador do mavioso vate. O filologo Sr. João Ribeiro, no *Imparcial*, como o financista, moralista, sociologo, estrategico, bibliotecario, etc., etc., etc., Sr. Victor Viana, do *Jornal do Commercio*, como o amoroso Sr. Tristão de Athayde, do *Jornal*, como o novo Sr. Homero Prates, do *Paiz*, todos esses profissionaes exalçaram devidamente a grande obra. Pela mesma craveira da exaltação frenetica afinaram jornalistas temiveis ou amaveis, como os Srs. Antonio Torres, Adoasto de Godoy, Costa Rego, Miguel Mello, Adhemar Dias e outros parceiros. Numa palavra: todos quantos, nesta terra essencialmente agricola e analfabetica, fazem uso da pena, manifestaram-se assombrados com o genio lirico de Carlos Magalhães, elevando-o — não direi aos cornos da lua, deselegante expressão para tão elegante personagem — mas aos pincaros da Gloria... aquela colina situada entre a rua do Catete e a praia do Russell... Só o meu amigo José Oiticica, critico profissional, não disse ainda palavra, não sei porque. Talvez não tenha ainda voltado a si do assombro.

Pois eu tambem quero elogiar o incrivel Magalhães. Não sou critico, nem profissional nem esporadico, mas pena por pena tambem eu tenho uma. Lá vão os elogios...

Carlos Magalhães é genial! O lirismo superfino e melindroso dos seus sonetos é embriagador! é entontecedor! é perturbador! é seductor! é um estupor! Na minha humilde opinião, mas sincera e irrevogavel, Carlos Magalhães é maior que Bilac, que Alberto, que Delfino, que Raymundo, que Castro Alves, que Gonçalves Dias, que Casimiro, que Alvares de Azevedo, que o Visconde de Araguaya, que Porto Alegre, que Santa Rita Durão... E' o maior dos maiores da literatura brazileira, colonial, monarquista ou republicana! Verdadeiramente só encontraremos paralelo para a sublimidade do seu genio nas literaturas estrangeiras antigas, de Shakespeare e Dante e Camões para traz até Virgilio, Horacio, Lucrecio e até Homero. Dos modernos, talvez apenas Victor Hugo consiga emparelhar-se á sua altura.

Que genio brazileiro!

E eis ahi estão os meus elogios. Perdoe-me Carlos Magalhães, si acaso baixar os divinos olhos sobre estas linhas humildes, o não ter eu catado adjectivos mais doces ou grandiloquos para qualificar as suas *Poesias*. Asseguro-lhe que me esforcei quanto pude por trazel-os á baila. Esgotei o stock da minha inventiva.

Evidentemente, é possivel que a leitura dos seus sonetos tivesse enchido o meu tinteiro de milhares de outros. Não li as *Poesias*, é bem verdade. Mas nem por isso são menos sinceros os meus elogios, nem menor a minha admiração imensa...

Antonio Manuel João

SOIREE
PRO
Jornal Operario

Amanhã - Domingo

Programa organizado pelo camarada Palmeira e constando de
CONFERENCIA,
CANTO
RECITAÇÃO, ETC.

Na Praça da Republica n. 58, ás 7 horas da noite

Um dia e outro dia

Em artigo recente no *Jornal do Brazil*, relembra o Sr. Conde de Affonso Celso a série de violencias republicanas cometidas contra os propagandistas monarquicos, ahi por volta de 1895-7.

As redações da *Liberdade*, da *Gazeta da Tarde* e do *Apostolo*, orgãos monarquistas, foram assaltadas, saqueadas, destruidas, fazendo-se, dos destroços da batalha, enorme fogueira no largo de S. Francisco. O Coronel Gentil de Castro, proprietario das duas primeiras daquelas folhas, foi barbaramente assassinado, em plena tarde, pelas vestaes furiosas da democracia republicana. A residencia do referido Coronel, na rua do Passeio, bem como a sua residencia de verão, em Petropolis, sofreram igualmente feroz invasão, avultados roubos e danos. O Visconde de Ouro Preto e outros amigos e correligionarios escaparam por pouco da mesma sorte do Coronel.

Isto aqui no Rio. Em S. Paulo, assaltado foi tambem o «Commercio de S. Paulo», inquinado de monarquismo. Já antes havia sido o Centro Monarquista, da mesma cidade, invadido pela policia e intimado a não continuar.

Habeas-corpus impetrados aos tribunaes eram negados, pondo-se os propagandistas monarquistas fóra da lei...

Tudo isso é citado no artigo em questão do Conde de Affonso Celso, como uma condenação aos processos republicanos de garantia da liberdade...

Ora, muito bem.

Já não estamos mais em 1895-7, mas em 1919, após cinco anos de guerra mundial pelo Direito, pela Civilisação, pela Liberdade. E é neste mesmo ano de 1919, que a policia desta mesma Republica que botou abaixo a monarquia tão do coração do Conde de Affonso Celso, realiza as seguintes proezas: no Rio, assalta e saqueia associações operarias, aprehende edições de *Spártacus*, rouba e destróe livros e folhetos de propaganda anarquista, prende, espanca e deporta anarquistas; em S. Paulo, assalta, empastela e destróe as oficinas e a redação de *A Plebe*, cujos destroços se queimam em plena rua, prende, espanca, tortura e deporta anarquistas; no Rio Grande do Sul, em Alagoas, em Pernambuco, no Pará... mais ou menos a mesma coisa. Os anarquistas perseguidos impetram habeas-corpus aos tribunaes e os tribunaes denegam os pedidos de habeas-corpus, declarando os anarquistas fóra da lei.

Pois diante de tudo isso, sucedido em plena luz deste ano da graça de 1919 — que pensa e que atitude toma o anti-republicano Conde de Affonso Celso? O Conde de Afonso Celso bate palmas e aplaude os actos da policia republicana contra os anarquistas!

Ora, assentada essa prova inconcussa de coherencia e probidade moral, eu nada mais tenho a dizer: pingo aqui o ponto final e... aguardo serenamente o correr dos dias.

Pedro Sambê.

A mentira democratica

Não raro se encontram, na grande imprensa republicana e democratica, criticas documentadas e irrespondiveis ás bases falsissimas em que repousam as instituições governamentaes no Brazil. Com efeito, tamanha é a desmoralização a que chegou o voto, entre nós, que nem mesmo os orgãos burguezes, defensores naturaes do regimen, conseguem ocultar ou disfarçar a nulidade absoluta do sufragio.

Ainda esta semana o circumspecto *Jornal* dedicou ao assunto todo um artigo de fundo, a proposito da emenda do senador Chermont mandando conceder o direito politico de voto ás mulheres brazileiras.

Argumentando com o peso dos algarismos, mostra o *Jornal* que, mesmo com a redução de 80% de analfabetos e mais dos estrangeiros, mulheres e menores, que não votam, devem existir no Brazil 2 milhões de cidadãos com capacidade politica para votar. Pois o numero de eleitores alistados não vai além de 400.000, o que quer dizer que apenas uma quinta parte dos capazes intervem na administração do paiz. «Esse facto, pondera o articulista, equivale praticamente á afirmação de que nem o presidente da Republica, nem o Congresso Federal, nem as assembléas estadoaes, nem as camaras municipaes traduzem a vontade popular».

Mas ha ainda a observar que essa quantidade de 400.000 votantes no terreno da qualidade não vale mais que — zero.

O sufragio universal é no Brazil uma mentira mil vezes provada e comprovada. O voto «se efectiva em regra pelo bico da pena, pelo suborno ou pela violencia, e quando depositado realmente nas urnas, ninguem pode garantir-lhe o destino final». Verdade sobre a qual nem os proprios supostos votados guardam a menor duvida. Ora, dahi só uma conclusão honesta se pode tirar. E o *Jornal* tira-a: «com semelhantes processos, a nossa democracia não passa de uma frase sem sentido».

Argumentação retintamente anarquista. Nós afirmamos que o sufragio é uma mentira e que portanto a democracia burgueza, filha dessa mentira, é outra mentira elevada ao quadrado.

E concluimos afirmando que os governantes dessa democracia, erigidos taes por obra e graça da mentira eleitoral, são méros usurpadores da maquina administrativa, organizados em oligarquia para segurança e defeza do capitalismo contra as massas populares.

Coherentemente, certos de estarmos com a verdade e com a justiça, nós negamos a esses senhores o direito de nos governarem, e trabalhamos afincadamente para que o povo comprehenda por fim a usurpação e mande para o diabo os usurpadores, destruindo a velha maquina administrativa e construindo uma nova maquina, em cujo manejo ele, povo, tenha participação efectiva e iniludivel.

Luta sindicalista revolucionaria — Meios e finalidade — por Carlos Dias — um volume de 104 paginas. $600

Falando com um "communard" de 71

O cristianismo não contava mais que com 12 apostolos para transforma[r] o mundo. O bolchevismo tem 120.0000 ou mais.

Anos antes de estalar a guerra, encontrei-me mais de uma vez, nas ruas de Budapest, com um professor socialista de larga melena e olhos brilhantes de fanatico.

—Onde vai você? — costumava perguntar-lhe.

—Vou fazer uma conferencia nesta ou naquela secção de operarios sindicados.

—Que tema vai versar?

E a resposta era sempre a mesma:

— Sobre a historia da Comuna de Paris...

E acrescentava logo, com um sorriso sarcastico:

— Que quer você! E' uma sincera lição de Historia. E' preciso instruir os operarios.

Com efeito, nenhuma autoridade pode prohibir que se deem lições de Historia á classe operaria. Porém aquela lição versava sempre sobre os setenta e dois dias da Comuna. Nas *steppes* infinitas da Russia, no interior de barracas miseraveis durante as largas noites de inverno, foi a historia daqueles setenta e dois dias memoraveis o que se contou incessantemente. O pricipe Kropotkine, na sua prisão subterranea da fortaleza de S. Paulo, deu-se a golpear os muros da sua cela. Responderam-lhe por fim, e conseguiu o principe que o seu visinho comprehendesse que os golpes que ele ia dando na parede correspondiam ás letras do alfabeto. Um golpe era o *a*, dois o *b* e assim sucessivamente. Uma vez estabelecido este sistema telegrafico, pesado e fatigante, perguntou ao seu visinho qual era o seu nome e a sua profissão. Tratava-se de um operario de Petrogrado. E o principe Kropotkine começou a relatar-lhe a historia da Comuna.

O bolchevismo russo, o spártacismo alemão, o comunismo hungaro, teem a mesma origem: o movimento comunista de Paris, que durou desde o 18 de março até 28 de maio de 1871. Um redator do diario *Magyazorozag* visitou o mais velho dos comunistas hungaros, homem que viveu os movimentos de 1871 e de 1919. Chama se Leopoldo Stern. Habita na rua Tompa n. 34, numa pequena oficina de alfaiate. Tem oitenta e dois anos de idade e são brancos como a neve o seu cabelo e barba. Essa visita foi feita no momento em que a Republica dos Soviets estava naufragando. Esperava-se a cada instante a queda de Bela Kun. E o ancião, que tem uma maravilhosa memoria, falou das suas aventuras durante a Comuna de Paris.

Falou daquele movimento espontaneo dos operarios parisienses, que foi como que um bosquejo incerto e indeciso das Republicas de Lénine e Bela Kun, tão metodicamente formadas. O programa do governo da Comuna de Paris já encerrava a abolição da propriedade privada, da prostituição e do alcoolismo, estabelecimento da escola laica, construção de hospitaes, abolição do trabalho nocturno, inclusive nas padarias, etc., etc. A bandeira da Comuna foi a bandeira vermelha que o proletariado do mundo inteiro arvorou; foi a bandeira dos Soviets.

—A nossa Republica será esmagada, e talvez o seja tambem a Russa — dizia o ancião e ao dizer isto havia nos seus olhos um fogo estranho. — Não importa. Tambem foi esmagada em Paris a nossa revolução. Foram detidas 40.000 pessoas e fuzilaram-se 25.000, entre homens e mulheres. Porém, os que puderam escapar com vida propagaram pelo mundo inteiro o programa da Comuna, ampliando-o e aperfeiçoando o. Eu fui condenado á morte pelo governo francez. Tenho sido muitas vezes preso e encarcerado em Budapest. No entanto, nunca deixei de trabalhar pela nossa causa.

A *Entente* diz que o bolchevismo é como que um abcesso no corpo da Europa que é preciso curar. Parece-me que o tratamento dum abcesso não consiste em esmagal-o. Si deixarmos que se desenvolva normalmente, o abcesso acaba por rebentar, deitando fora o pús que contenha. Porém, si o esmagarem, ele espalha-se interiormente e infecciona o sangue, propagando-se o mal a todo o organismo. A Comuna de Paris não durou mais que umas semanas. Não poude realizar o seu programa, pois que não se passou de lutas sangrentas nas ruas e nas barricadas. Apezar de tudo, centenas de refugiados de todas as nacionalidades escaparam e espalharam-se pelo mundo, como outros tantos microbios da grande febre revolucionaria.

Si agora se tivesse deixado em plena liberdade de ação as Republicas dos Soviets da Russia e Hungria, estas se teriam transformado dentro em breve em Estados completamente normaes. Acusam-se as Republicas Sovietistas de tres cousas: de massacres e crueldades, de haver semeado a miseria, e de causar a ruina da civilização. Esta ultima acusação funda-se na socialização dos capitaes e das industrias. Não falemos do que se refere a massacres, cujas *vitimas* costumam ressuscitar com frequencia duas e tres vezes. E quanto á miseria, é claro como a luz do dia que foi causada pelo bloqueio. Guilherme II não era comunista e, no entanto, durante o seu reinado morreram de fome na Alemanha 800.000 pessoas. No que respeita á socialização dos bens, vemos que se está levando a cabo em todas as partes: na Austria e na Alemanha implanta-se em grande escala e é já inevitavel na Inglaterra, nos Estados Unidos e em todas as nações.

Si se tivesse deixado em paz os Soviets, talvez que eles não fossem em nada hostis á burguezia e é provavel que os comissarios do povo se tivessem visto obrigados a voltar em mais de um ponto ao antigo sistema. Já na Hungria havia uma oposição, uma esquerda, representada por comunistas que tomavam debaixo da sua proteção os burguezes, assim como antes existiam burguezes socialistas.

A politica de bloqueio da Entente e a proteção que esta dispensa aos czaristas Denikine e Koltchak terão, talvez, como resultado, o esmagamento do abcesso bolchevista na Russia, como na Hungria já ocorreu. Neste caso, repetir-se-ha o que ocorreu quando da repressão da Comuna de Paris, com a diferença de que si esta deu ao mundo algumas centenas de agitadores as Republicas dos Sovietes os semearão por todas as partes ás centenas de milhar. Só na Hungria ha algumas dezenas de milhar de agitadores treinados em escolas especiaes. E não falemos dos que ha na Russia... O cristianismo não contava mais que com doze apostolos para transformar o mundo: o bolchevismo terá 120.000 ou mais.

O movimento comunista na Hungria desenvolveu-se com demasiada facilidade, com simplicidade excessiva. O proletariado recebeu o Poder das mãos dum conde e estava em caminho de tomar conta do Estado democratico e semi-burguez. Empregados e comissarios comunistas, que em alguns anos se teriam talvez convertido em aprazi veis senhores, saboreando tranquilamente o seu bem-estar, irão agora atravez do mundo, graças á dissolução da Republica dos Soviets, como bestas batidas, espargindo e propagando o seu furor, a febre revolucionaria que se acredita e se julga curada. Sobretudo, nos paizes em que haja muitos analfabetos e onde o movimento socialista está pouco desenvolvido, o bolchevismo, mal e vagamente comprehendido, fará verdadeiros estragos. Tal como as enfermidades contagiosas, tomam mais violencia nos organismos ainda intactos. A burguezia teria podido viver em paz em todas as partes, se deixasse e procurasse que o movimento bolchevista se estendesse a ela, em vez de fazer do bolchevismo uma religião, dando-lhe martires que a perpetuarão.

Ao dizer isto, o ancião de cabelos e barbas niveas tinha o aspecto dum mago. E havia na sua voz tonalidades de firmeza, de gravidade, que davam ás suas palavras um ar de profeta.

A. Németh.

Brochuras de propaganda

No Café — por Errico Malatesta $400

Dictadura policial — por Astrojildo Pereira. . . . . $20[0]

Como se fundou a Terceira Internacional

Uma noticia inedita

Por varios motivos temos colhido no livro de Arthur Ransome informações e notas do maior interesse sobre a situação na Russia. Traduzimos e analizamos hoje os capitulos relativos á fundação da Terceira Internacional, que agrupa as forças revolucionarias do mundo inteiro, que traduz as aspirações das massas operarias e á qual aderem as maiores organizações de trabalhadores de todos os paizes.

Haviamos publicado neste jornal uma noticia do Primeiro Congresso da Internacional Socialista-Comunista, a unica aparecida na imprensa franceza. O relato de Arthur Ransome, que pode jactar-se de ter sido a unica testemunha da creação da nova organização, pois que foi o unico não socialista dos seus assistententes, completará a exposição que já fizemos; é uma pagina viva, pitoresca e imparcial, e nela encontramos pormenores ás vezes de significativa eloquencia.

Um segredo bem guardado

Grande foi a sorpreza de Ransome ao saber, a tres de março (1919), pelo socialista americano Reinstein, que se ia reunir no Kremlin uma Conferencia Internacional. Alguns dias antes Bukarine lhe havia dado a entender que estava para breve um acontecimento de importancia internacional, mas sem dizer mais nada de preciso. Os jornaes, por sua vez, não publicavam uma palavra sobre o assunto.

Munido de um cartão de entrada, que Reinstein lhe arranjara, Ransome assistiu á Conferencia, cujas sessões tiveram inicio no dia anterior. Deixemol-o falar.

Os assistentes e a sala

«Celebrava-se a reunião numa sala pequena, com um estrado ao fundo, no velho Palacio da Justiça edificado em tempos de Catarina II, que de certo estremeceria no seu tumulo si soubésse o uso que o destino lhe reservava. Dois minusculos soldados do Exercito Vermelho guardavam as portas. Toda a sala, inclusive o solo, estava decorada de vermelho. Duas bandeiras traziam a inscrição: *Viva a Terceira Internacional!* em varios idiomas.

A mesa de discussão encontrava-se no estrado da extremidade da sala. Lénine, sentado ao centro, por traz de uma larga mesa forrada de vermelho, tinha á sua direita Albrecht, joven spartacista alemão, e á esquerda o suisso Platten.

Os demais congressistas ocupavam cadeiras colocadas desde o meio da sala até junto do estrado, com uma passagem pelo centro: as quatro ou cinco primeiras filas tinham pequenas mesas para escrever. As pessoas mais importantes eram: Trotstki, Zinovief, Kamenef, Tchicherine, Bukarine, Karajan, Litvinof, Vorovsk, Steklof, Rakovski, (representando a Federação Socialista balkanica), Skripnik (representando a Ukraina). Estavam ainda presentes Stang (dos socialistas noruegrezes da esquerda), Grimulunt (esquerda sueca), Sadoul (França), Finberg (British Socialist Party), Reinstein (American Socialist Labour Party), um turco, um austriaco alemão, um chinez, etc.

As discussões e os discursos se faziam em todas as linguas, embora se empregasse de preferencia o alemão, porque s maioria dos estrangeiros o conhecia, o que não acontecia com o francez. Era um contra-tempo para mim» (Ransome fala o russo, o inglez e o francez).

Berna e Moscou

Ransome ouviu primeiro as informações sobre a situação nos diversos paizes. Finberg falou em inglez. Racovski, em francez. Sadoul, igualmente. Infelizmente Ransome nada diz sobre essas informações, sem duvida reservando a melhor parte dos seus materiaes para a grande historia da Revolução que está escrevendo.

Skripnik, expondo a situação na Ukraina, disse que a experienoia da ocupação alemã fôra uma dura lição para todos os partidos revolucionarios, que em seguida trabalharam juntos.

«Mas o interesse real da reunião esteve na sua atitude em relação á Conferencia de Berna. Muitas cartas se receberam de membros dessa Conferencia. Longuet, por exemplo, desejava que os comunistas se houvessem feito representar. A opinião em Moscou era que os socialistas suissos da esquerda se sentiam mal ao lado de Scheidemann e companhia; efectivamente romperam em definitivo com estes, acabaram com a Segunda Internacional e uniram-se á Terceira. Claro está que a reunião do Kremlin se considerava como o nucleo da nova Internacional oposta á que se havia dividido em grupos nacionaes, cada um dos quaes sustentou o respectivo governo durante a guerra».

Figuras revolucionarias

Ransome bosqueja então algumas silhuetas de representantes do movimento revolucionario comunista internacional.

«Trotski, de uniforme, calças e botas militares, um gorro de pele com as insignias do Exercito Vermelho, estava muito bem, embora imprevisto para quem o tenha conhecido como um dos maiores anti-militaristas da Europa.

Lénine estava sentado, ouvindo com calma, falando, quando necessario, em quasi todas as linguas da Europa, com sorprehendente facilidade.

Balabanova falou da Italia e parecia ditosa por es ar, uma vez mais, ainda na Russia dos Soviets, numa reunião secreta.

Era realmente extraordinario e, apezar de algumas puerilidades, eu não podia crer que assistia a um facto que figuraria na Historia do Socialismo, como aquela outra estranha reunião realizada em Londres em 1848.

As principaes figuras da Conferencia, com excepção de Platten, que não conheço, e sobre o qual não posso dar uma opinião, eram Lénine e o joven alemão Albrecht, que falou com inteligencia e caracter, indubitavelmente inflamado pelos acontecimentos que se produzem no seu paiz. O austriaco-alemão parecia tambem um homem de valor. Rakovski, Skripnik e Sirola, filandez, representavam realmente alguma coisa. Mas havia um aspecto ficticio na Assembléa, onde os socialistas inglezes da esquerda estavam representados por Finberg e os americanos por Reinstein, os quaes não podiam ter nenhum meio de comunicação com os seus mandatarios».

Permita-se-nos fazer notar aqui que a observação de Ransome, inspirada pelo espirito parlamentar e pelo cuidado das garantias juricas, é pouco valida quando se trata de uma assembléa revolucionaria. Certo, é preferivel que os representantes de um partido não se achem separados do mesmo. Mas, si as condições da luta contra a burguezia nem sempre permitem manter esse contacto, podem no entanto os portavozes do movimento socialista exprimír as necessidades e os sentimentos da classe revolucionaria do seu paiz.

Por ocasião da fundação da Primeira Internacional, Marx de modo algum representava o «socialismo alemão», ao qual combatia encarniçadamente; entretanio, ele encarnava o espirito socialista que se estendeu mais tarde por toda a Alemanha. Do mesmo modo, um Sadoul, que perdeu o contacto com o seu paiz e o seu partido, representa realmente o espirito socialista e revolucionario da parte melhor do povo francez; ao passo que um Renaudel, por exemplo, que vive em França, não representa sinão o espirito de pequeno burguez, o oportunismo cégo e a contra-revolução encoberta com a mascara socialista.

Que se nos perdoe esta digressão, e continuemos o nosso relato.

A sorte está jogada

Ao dia seguinte discutiu o Congresso o programa da nova Internacional. Lénine pronunciou um longo discurso, no qual se empenhou por demonstrar que Kautski e seus partidarios de Berna condenam actualmente a tactica que preconizavam em 1906. Ransome não fornece mais pormenores sobre este debate.

A 5 de março, o segredo foi revelado ao publico. Segundo a opinião do joven spartacista Albrecht, o momento não era oportuno para fundar a nova Internacional, mas ninguem participou da sua opinião.

«Decidiu-se pois que a Conferencia valia pelo inicio da Terceira Internacional. Platten anunciou a decisão, e a *Internacional* foi cantada numa dezena de idiomas ao mesmo tempo. Levantou-se então Albrecht e, com o rosto algum tanto vermelho, disse que ele, naturalmente, reconhecia a decisão e a anunciaria na Alemanha».

A Terceira Internacional estava fundada.

A dictadura do fotografo

«A Conferencia do Kremlin terminou com o canto e a fotografia habituaes. Pouco antes do encerramento, quando Trotski acabava de falar e abandonava a tribuna, ouviu-se um grito de protesto do fotografo, que acaba de ageitar a sua maquina. Alguem exclamou: «A dictadura do fotografo!» — e, em meio de risadas geraes, Trotski teve que voltar á tribuna e ficar silencioso emquanto o fotografo batia as suas chapas.

A fundação da Terceira Internacional fôra noticiada nos jornaes da manhã, e um meeting extraordinario estava marcado para a tarde, no Grande Teatro.

Fui ao Teatro ás cinco horas, e encontrei algumas dificuldades para entrar, apezar do meu cartão especial de correspondente.

Ali estava o Soviet de Moscou, o Comité Executivo, representantes dos Sindicatos e dos Comités de fabricas, etc. O imenso Teatro, inclusive o palco, estava abarrotado...»

Kamenef abriu a sessão, proclamou o grande acontecimento e uma tempestade de aclamações se elevou do publico, que entoou uma *Internacional* emocionante.

Lénine

Kamenef evocou então a memoria dos que morreram pelo socialismo, citou Liebknecht e Rosa Luxemburgo... Os assistentes puzeram-se de pé e a orquestra tocou um hino funebre...

Depois falou Lénine. Mas deixemos Ransome descrever o acto:

«Si alguma vez houvesse pensado que Lénine poderia perder a popularidade, teria a resposta naquele momento. Muito tempo decorreu antes que ele pudesse falar, pois o publico, de pé, abafava as suas tentativas com os aplausos mais clamorosos. Era uma cena extraordinaria.

Um grupo de operarias, ao meu lado, quasi brigavam por vel-o, gritando como si quizessem fazer-se ouvir particularmente por ele. Lénine falou, como de costume, do modo mais simples, sublinhando o facto de que a luta revolucionaria em toda a parte obrigava á adoção das fórmas sovietistas...»

Trotski traduziu o discurso de Albrecht, e Steklof o de Guilbeaux, que chegou no ultimo dia do Congresso. Quando Ransome sahiu, encontrou fóra uma multidão contrariada por não ter podido entrar...

—

... Que vida, que beleza, que entusiasmo! E como a desprezada Segunda Internacional parece ainda mais desprezivel, com o seu oportunismo esteril, o seu parlamentarismo senil, as suas demonstrações hipocritas, com as quaes de resto não pode ocultar as esmagadoras responsabilidades que lhe cabem pela continuação da guerra de hontem e de hoje.

Boris Souvarine

(Do *Journal du Peuple*)

Resoluções aprovadas na Conferencia a que se refere o artigo de Souvarine

I. — *Decisão concernente á constituição da Internacional Comunista.* — A Conferencia Comunista Internacional decide constituir-se em Terceira Internacional e assumir a denominação de *Internacional Comunista*. As proporções dos votos dados não sofrem nenhuma modificação. Todos os partidos, todas as organizações e grupos representados conservam o direito, por oito mezes, de aderir ou não definitivamente á Terceira Internacional.

II. — *Propostas concernentes á constituição da Terceira Internacional.* — Os representantes do Partido Comunista da Austria Alemã, da Esquerda do Partido Social-Democrata Russo, da Federação Operaria Social-Democrata dos Balkans, do Partido Comuniste Hungaro, propõem se constitua a Internacional Comunista.

1. — A necessidade de lutar pela Dictadura do Proletariado reclama uma organização unica, compacta, internacional, de todos os elementos comunistas que participam deste ponto de vista.

2. — Organizar um centro é para nós um dever, sobretudo porque neste momento (março de 1919), em Berna — e isso se repetirá talvez mais tarde noutros lugares — procura-se fazer resurgir a antiga Internacional oportunista e unificar de novo a todos os elementos mixtos, indecisos, do proletariado, motivo pelo qual se torna indispensavel traçar um limite entre os elementos revolucionarios do proletariado e os elementos traidores do socialismo.

3. — Si a presente Conferencia não fundasse a Terceira Internacional, ficaria a impressão que os partidos comunistas carecem de unanimidade, o que a debilitaria entre os elementos indecisos do proletariado de todos os paizes.

4. — A constituição da Terceira Internacional se apresenta indiscutivelmente como um imperativo historico e deve ser obra da Conferencia Internacional Comunista reunida em Moscou.

III. — *Decisão concernente á questão da organização.* — Afim de poder dar começo ao seu trabalho activo, o congresso utiliza imediatamente os orgãos necessarios. A constituição definitiva da Internacional Comunista será feita pelo proximo Congresso, por proposta do Bureau.

A direção da Internacional Comunista fica confiada a um Comité Executivo, que se compõe dos partidos comunistas mais importantes. Os partidos da Russia, da Alemanha, da Austria Alemã, da Hungria, da Federação Balkanica, da Suissa e da Escandinavia, devem enviar imediatamente os seus representantes ao primeiro Comité Executivo.

Os partidos dos paizes que aderirem á Internacional Comunista antes do segundo Congresso, obterão um lugar no Comité Executivo.

Até a chegada dos representantes estrangeiros, os companheiros do paiz em que se localizar a séde do Comité Executivo se encarregarão dos trabalhos do mesmo. O Comité Executivo elege um Bureau de cinco pessoas.

IV. — *Decisão concernente ao grupo de Zimmerwald.* — Depois de ouvir os relatorios da companheira Balabanova, secretaria do Comité Socialista Internacional, e dos companheiros Rakovski, Lénine, Platten, Trotski e Zinovieff, membros do grupo de Zimmerwald, o primeiro Congresso da Internacional Comunista decide considerar dissolvido o grupo de Zimmerwald.

Todas as grandes guerras têm arruinado por um certo tempo os povos vencidos como os vencedores, que as fizeram, e as ruinas foram sempre tanto maiores, tanto mais dificeis de restaurar quanto maior havia sido a guerra. — J.-L. DE LANESSAN.

Entre Cardeaes

Ha algumas semanas publicou o vigario geral da diocese uma ordem, emanada de Sua Eminencia o Cardeal, prohibindo aos fieis subordinados ao mesmo a leitura do jornal «A Razão».

Esta, é bem de ver, deu o solene estrilo. Inimiga e concorrente da Igreja Romana, a folha astral, pela pena astralissima do seu director, Sua Eminencia Katespero, Cardeal do Espiritismo Redentor, tem desancado á bessa o Cardeal Catolico, naquela sua prosa incrivel das "Notas".

Sua Eminencia Katespero xinga a outra Eminencia de quanto nome feio registra o dicionario dos desaforos. E tome carta!

Briga de Cardeaes. Divertidissima briga, que a platéa gosa e aplaude...

Mas essa rivalidade cardinalicia vem estabelecer um serio problema revolucionario: quando triunfar o bolchevismo, entre nós, a qual dos dois cardeaes se concederá a honra de enforcar o outro com as proprias tripas?

Será o Catolico enforcado nas tripas do Espirita? Será o Espirita enforcado nas tripas do Catolico?

Arcoverde... Katespero... "Entre les deux mon coeur balance!"

O grito de revolta de um escravo

— —

Aos velhos camaradas Miguel Garrido, Nalepinski, Campos e Florentino, fraternalmente

—

Senhores governantes:

Cheio de indignação pelo vosso procedimento, venho por meio da pena rude e rebelde de eterno explorado, mostrar-vos por estas colunas o sentir de todos os famintos, de todas as victimas da exploração, de todos os seres imolados em holocausto ao Deus Milhão.

O meu verbo é o da verdade e a minha eloquencia é o soluço das victimas por vós assassinados barbaramente, indo depois gozar em superfluos banquetes a vossa iniquia victoria, indiferentes aos sofrimentos dos vossos semelhantes.

Eu falo em nome dos que são vilmente explorados nos campos, nas minas, nas fabricas e nas oficinas; em nome dos que morrem de fome e frio nas anti-higienicas e imundas pocilgas, na mais degradante promiscuidade apezar da diferença de sexo e idade.

Grito em nome desses milhares de inocentes mortos pela anemia antes dos cinco anos; em nome desses milhões de operarios mortos anualmente victimas dessa terrivel enfermidade chamada Tuberculose, contrahida nas oficinas de ar impuro.

Os meus punhos crispam-se pensando nos centenares de párias modernos deportados de todas as partes pelos cossacos do mundo inteiro, á disposição da infame burguezia, pelo simples facto de propagarem entre o proletariado os sublimes ideaes da regeneração social. Levanto o meu protesto em nome das pobres mulheres mortas em consequencia da tisica mesenterica, adquirida no putrefacto ambiente das fabricas, onde trabalham mais de doze horas diarias afim de perceber um irrisorio salario. Grito em nome dos infelizes que figuram nos arquivos policiaes, que comerciam o seu corpo no mercado do prazer, para não morrerem de fome imediatamente, embóra abandonem a sua triste existencia na cama de um hospital, desprezadas por todos.

O meu coração se revolta quando penso nos trabalhadores que terminam as suas vidas sepultos nas visceras da terra, numa atmosféra de fogo, onde os poucos que escapam á morte antes dos trinta anos dão o aspecto de simples espectros, completamente imprestaveis, não obstante terem deixado lucros fabulosos ás emprezas.

Amaldiçôo a vossa estirpe em nome dos que assassinastes no meio das praças publicas, porque tiveram a energia civil de protestar, altivos, contra o absurdo regimen imperante, baseado no crime e na ignorancia. Mereceis ser exterminados, em nome dos martires que encerrastes nas imundas prisões, pelo crime de se terem levantado contra a vossa tirania. A minha voz é o grito de todas as victimas.

Sou o porta-vóz de todas as reinvidicações humanas; o éco de todas as dôres por vós causadas e o verbo das rebeliões dos oprimidos.

Vós, senhores governantes, sois os legisladores das leis artificiaes consagradoras dos grandes crimes sociaes, creando um estado do direito que é a negação do mesmo Direito.

As bases da vossa organização social, aniquilam-se perante o imperio da razão. Os vossos odiosos privilegios despertaram a rebelião da plebe faminta. O povo, tantas vezes massacrado pelo despotismo dos governos de todas as côres, desde o mais *liberal* republicano até o mais retrogrado reacionario imperialista, levanta-se num sublime gesto de vingança.

A sua fome será satisfeita, porque tomará pela força as riquezas por ele produzidas. A escravidão será abolida porque fará taboa rasa de castas e gerarquias. Os crimes juridicos não mais existirão, porque será derrubada a vossa autoridade e queimadas as vossas leis por serem barbaras e absurdas. Não mais praticareis os crimes horrorosos que hoje perpetrais nos calabouços dos presidios, em virtude de uma justiça céga e arbitraria, porque o povo arrazará as prisões, e esses antros de torturas não mais aniquilarão seres humanos. As guerras fratricidias, para defender os bastardos interesses das classes parasitarias, não poderão reproduzir-se porque as classes exploradas destruirão as fronteiras e abolirão os exercitos por serem inuteis e prejudiciaes.

Saibais, pois, senhores governantes, deputados, militares e toda a casta de sacerdotes da mentira, que o vosso reinado está em perigo de morte e brevemente desaparecerá destruido pela proxima revolução social.

Os vossos codigos, os vossos milhões, os vossos palacios, as vossas espadas, os vossos canhões, toda... toda essa maquina infernal por vós constituida para garantir a propriedade privada, será eliminada pelo fogo sublime da revolta popular. Vós mesmos não sereis sinão miasmas varridos pelo furacão. Continuai nos vossos assassinatos proprios de féras. Não abandoneis o instincto de perseguição contra os operarios mais inteligentes que, na tribuna e na imprensa, gritam energicamente contra as vossas infamias, e tratam de orientar o proletariado pelo verdadeiro rumo, afim de conquistar a sua completa emancipação politica, social e economica.

As torturas não intimidam os homens que luctam pelo sublime ideal da Acracia, convictos da justiça de tão elevada causa. Reparai no exemplo da Russia e vereis que soou a hora das grandes conquistas do operariado.

O vosso destino está traçado: será o mesmo do *grande* tzar de todos as Russias.

Miguel Gimedes

Administração

N. 19

ENTRADAS

Liste 50 H.	9$000
Lista (extra) J. L.	22$000
Lista n 65	67$500
Lista 20	100$000
Sapateiros	100$000
Venda avulsa	104$000
Assinaturas	5$000
Um grupo de sapateiros	23$500
G. Coutinho e outros (P. Fundo)	55$000
José Avis (pacotes)	25$000
J. A. dos Santos (Sergipe)	12$000
Venda de folhetos	28$000
C. Carvalho	5$000
Marques	2$000
M. Corrêa	5$000
Abreu	5$000
J. Rodrigues	5$000
Herculano	10$000
Saldo do n. 18	425$200
Total	1:008$200

SAHIDAS

Composição e impressão	400$000
Redação	28$000
Administração	35$000
Selos	28$500
Passagens	8$500
Papel de embrulho	3$700
Carreto	8$000
Goma	1$000
Total	512$500

RESUMO

Entradas	1:008$200
Sahidas	512$500
Saldo	495$700

NOTA — No balanço publicado no n. 18 sahiu por engano a lista 26 com 50$, quando deve ser: Lista 62. A quantia está certa.

EXPEDIENTE

Spártacus *publica-se sob a responsabilidade de um Grupo Editor, estando a sua redação e administração a cargo de Astrojildo Pereira.*

* * *

A redação e administração de Spártacus *acham-se provisoriamente instaladas no largo de S. Francisco, 36, 1º, sala 10. Toda a correspondencia, porém, deve ser enviada exclusivamente para a* Caixa Postal 1936, Rio de Janeiro.

* * *

As assinaturas de Spártacus *podem ser tomadas sobre a base de 1$000 por serie de 12 numeros.*

* * *

Preço para os pacoteiros: 1$000 por pacote de 12 exemplares.